

## **Estatísticas: falácia, omissão, hipocrisia? O trabalho cruelmente desconsiderado**

Rosangela Gaze  
[Médica sanitária e professora do IESC/UFRJ]

Desde que o Covid-19 aportou na China, investigações epidemiológicas, anatomopatológicas, biomoleculares, ensaios clínicos, dentre outras, têm sido amplamente divulgados pela OMS, governos, imprensa, mídias sociais. Infográficos georreferenciados monitoram a ocorrência diária de casos e óbitos, analisam a distribuição espacial, sexual e etária, a evolução de internações e a demanda por leitos. A variável ocupação permanece ausente do monitoramento (em tempo real) dos casos e óbitos e das análises epidemiológicas detalhadas.

A ocorrência – prevista e negligenciada – de casos e mortes entre profissionais da saúde e em categorias profissionais classicamente expostas a risco biológico reconhecido (p.ex.: serviços de limpeza, segurança pública), gera perplexidade, comoção e gratidão.

Nesta pandemia, outras categorias – consideradas essenciais à manutenção da vida – passaram a despertar interesse pela óbvia dependência de toda a sociedade aos serviços prestados por comerciários de mercados, farmácias, motoristas de transporte coletivo, de entrega em domicílio, bancários, e uns poucos além destes. Seriam estes os trabalhadores expostos ao risco do Covid-19? Se Ramazzini fosse vivo...

[Bernardino Ramazzini](#) (1633-1714) – Pai da Saúde do Trabalhador – foi um médico italiano do Norte da Itália, que estudou e escreveu sobre “[As Doenças dos Trabalhadores \(1700\)](#)”, cujo legado segue a ensinar aos que desejam compreender o adoecimento e morte no trabalho.

Se Ramazzini fosse vivo... Ele ouviria o que os metalúrgicos brasileiros, italianos, americanos, canadenses estão dizendo. Ele questionaria... “*Onde, como, em que grupos de pessoas se espalha o Covid-19? Por que os metalúrgicos pararam as atividades na indústria automotiva italiana em meados de março, no início da explosão de casos no Norte da Itália?*”

Falas dos trabalhadores da indústria do Norte da Itália ([World Socialist Web Site](#), 14/03/20):

*"Não foram impostas quaisquer restrições às operações das grandes empresas, que continuam mandando os trabalhadores para as abarrotadas linhas de montagem e sugando os lucros da força de trabalho, enquanto os trabalhadores e suas famílias são infectados por uma doença intratável e potencialmente fatal."*

*" [...] a Fiat Chrysler anunciou o fechamento da planta de Pomigliano, assim como das instalações em Melfi, Atessa e Cassino [...alegando] que as fábricas seriam “higienizadas” para, em seguida, tentar forçar os trabalhadores a voltar ao trabalho – demonstrando seu desprezo criminoso pelo perigo de contágio entre os operários e outros funcionários das fábricas. "*

*"Os trabalhadores do estaleiro Fincantieri [...] Ligúria, paralisaram o trabalho após um operário ter sido testado positivo para o coronavírus, e a greve se espalhou rapidamente para outros estaleiros [...]"*

*"Os trabalhadores estão em greve contra o coronavírus, ou melhor, contra o governo que mantém as fábricas funcionando apesar do coronavírus"*

*"As paralisações estão também afetando toda a indústria siderúrgica italiana."*

*"Mais de 450 operários da indústria têxtil Cornelianani, em Mântua, paralisaram [...] contra o fracasso do governo ... em ordenar o fechamento das empresas que não estão envolvidas na luta contra o vírus."*

*"A onda de greves foi silenciada quase por completo pela mídia corporativa internacional: a classe dominante está apavorada que a mesma explosiva raiva esteja crescendo em toda parte e que o exemplo dos trabalhadores italianos seja seguido em todo o mundo."*

E ainda:

*"O armazém não é desinfetado, as ferramentas não são desinfetadas"*

*"[...] a maioria dos trabalhadores não tem máscaras protetoras e que as luvas também são insuficientes. "Eles só nos dão um par por dia" E o álcool-gel não é visto há muito tempo."*

*"Contra os patrões e o coronavírus, nossa saúde vem antes que seus benefícios"*

*"Não somos carne de matadouro" ([Esquerda Diário, 12/03/20](#))*

Se Ramazzini fosse vivo, perguntaria: *“Por que não se tem noticiado estes movimentos espontâneos de trabalhadores? Estas falas sobre o que se passa de fato nas fábricas – muitas ‘dedicadas’ à produção de bens supérfluos como carros e vestes de luxo – poderiam adicionar elementos sobre o ‘comportamento’ do vírus? Conhece-se o ‘mecanismo’ de produção de vítimas por este vírus mas quais as rotas de propagação que lhe são mais propícias?”*

Ramazzini seguiria questionando... *“Por que não se divulga que o [parque industrial francês](#) (Paris, Lyon, Alsácia-Lorena, dentre outros) está praticamente inoperante? Há intencionalidade nesta falta de transparência? O que o Covid-19 está causando em ‘campos de batalha’ menos visíveis?”*

*Na indústria brasileira, por que Volta Redonda, em 07/04/20, liderava o ranking de incidência (20,15 casos/100 mil hab.) no RJ? Por que destoava tanto da capital com incidência de 6,43 e do estado (8,46)? Por que São Caetano do Sul, no ABC paulista, mostrava incidência (26,69 casos em 100 mil) tão próxima à da capital São Paulo (30,4)? Distorção estatística pela amplitude das populações?*

Ramazzini acrescentaria outras perguntas... *A realidade do chão das indústrias é conhecida por pesquisadores? Ou ‘acredita-se’ – fechando-se hipocritamente os olhos – que as empresas cumpram o prometido? Consta no site da [Companhia Siderúrgica Nacional](#) (atualizado em 06/04/2020) que “Diante dos casos crescentes do novo coronavírus (COVID-19) no Brasil, a CSN está tomando todas*

*as medidas necessárias à prevenção da circulação interna do vírus - todas alinhadas com os protocolos da OMS e Ministério da Saúde.” Dentre estas medidas de prevenção, estão no mesmo site: “Evitar ambientes com aglomerações; Monitoramento de colaboradores que possam apresentar qualquer sintoma relacionado ao COVID-19; Liberação para realizar o exame do Coronavírus por meio do convênio médico; Procurar atendimento médico imediato no caso de sintomas respiratórios como tosse e coriza, além de febre e dores pelo corpo; Comunicar o serviço médico da CSN no caso de surgimento de qualquer dos sintomas acima; Reforçamos ainda que não está indicado o uso profilático de máscaras.”*

Se Ramazzini fosse vivo..., numa indústria em que o trabalho em equipe é comum, **perguntaria aos trabalhadores:** *“Onde fazem suas refeições? Podem largar de repente a placa de aço que cortam, em dupla com um colega, para cobrir a boca com o cotovelo ao espirrar e tossir? Podem interromper o trabalho, de imediato e sem punições, para procurarem atendimento e comunicarem os sintomas? Um colega com quem trabalhou testou positivo? Levam seus uniformes de trabalho para lavar em casa? Seus pais moram com você? Mesmo sem sintomas aparentes, sentindo-se cansados ‘além do normal’ podem interromper suas atividades?”*

Estas são apenas algumas das perguntas não respondidas às quais sanitaristas e epidemiologistas poderiam se debruçar. Estatísticas não são evidências. Números não expressam fatos. É a questão que se constrói ao olhar os números que permite compreender os fatos. Há lentidão e reducionismo nas estatísticas quando comparadas à riqueza do relato dos fatos por quem os vivencia. Sem essa escuta, estatísticas são vazias de conteúdo e falaciosas, ao se 'grafarem' em belas imagens coloridas e interativas. Há dor nestes traços... Valorizar o que diziam os trabalhadores do Norte da Itália, possivelmente também os franceses, espanhóis, americanos e outros, talvez tivesse contido a onda avassaladora de mortes que segue mundo afora... Trabalhadores do modesto parque industrial brasileiro precisam ser ouvidos pelos estudiosos do Covid-19... O tempo urge...

Os locais de moradia dos trabalhadores braçais em nosso país estão longe de serem espaços em que um vírus invisível (este inclusive) horrorize mais do que o [medo cotidiano](#) da morte violenta, incomode mais do que o fedor da vala negra, adoeça mais que a eterna falta d'água, desespere mais que a fome... Moram em favelas por ser o possível para sua renda, por ser o pagamento que as relações capital-trabalho consideram justo. Ramazzini finalizaria (por enquanto) recomendando que a escuta a esses brasileiros esteja envolta de respeito. Apreço dos que reconhecem que *“Enquanto navegam, navios destroem quem os constrói (Fadel, 2005).”*